



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

ESCOLA, COMUNIDADE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: DESAFIOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA AGENDA AMBIENTAL COMUM

ANTENOR DE OLIVEIRA SILVA NETO
ÉVERTON GONÇALVES DE ÁVILA
ADEILTON SANTANA NOGUEIRA

EIXO: 11. EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E PRÁTICAS EDUCATIVAS

Resumo O presente trabalho tem como objetivos principais identificar o debate sobre a Educação Ambiental - EA, em uma Escola da Rede Estadual de Sergipe e definir o papel da escola como agente construtor de uma consciência ambiental. Trata-se de um estudo que discute sobre a origem da EA, conferências, encontros, documentos, entre outros meios que subsidiaram a emergência da temática nos últimos anos. Utilizamos-nos de um levantamento bibliográfico de autores como Dias (2004) e Ruscheinsky (2002) que foram extremamente importantes à construção deste debate. Acreditamos no papel da escola na construção dos temas de EA e da integração/interação com comunidade no entorno da escola pode ocorrer através de diversos mecanismos para juntas seguirem na direção de um ecomunitarismo. **Palavras-chave:** Educação Ambiental, Meio Ambiente, Escola, Comunidade. **Resumen** El presente trabajo tiene como objetivos principales identificar el debate sobre la Educación Ambiental - EA, en una Escuela de la Red Estadual de Sergipe y definir el papel de la escuela como agente constructor de una conciencia ambiental. Se trata de un estudio que discute el origen de la EA, conferencias, encuentros, documentos, entre otros medios que promovieron la emergencia de la temática en los últimos años. Utilizamos un levantamiento bibliográfico de autores como Dias (2004) e Ruscheinsky (2002), que han sido extremadamente importantes para la construcción de este debate. Creemos que la escuela cumple un papel crucial en la construcción de los temas de EA y que la integración/interacción con la comunidad en el entorno da escola puede ocurrir a través de

diversos mecanismos para que juntas sigan hacia el ecomunitarismo. **Palavras-chave:** Educación Ambiental, Medio Ambiente, Escuela, Comunidad.

INTRODUÇÃO A Educação Ambiental – EA, não é um tema tão jovem na pauta mundial de discussões, pois, vários povos e muitas civilizações sempre se preocuparam com a natureza e dedicavam algum cuidado a ela. Mas no limiar da segunda metade do século XX é que a discussão toma força diante do grande avanço tecnológico, uma maior devastação ambiental e a perda da qualidade de vida tão bem expressa pela jornalista Rachel Carson em 1962. Da urgência das discussões surgem as diversas conferências ambientais promovidas pela Organização das Nações Unidas – ONU, e que embutem a necessidade do treinamento dos profissionais envolvidos com a temática e da sistematização do ensino de EA. A Conferência de Tbilisi é a mais expressiva entre todas e até hoje segue como sendo um referencial para o debate. Estamos certos de que a escola também tem um papel importante para promover o debate da EA e todos os documentos técnicos e cartas de intenções tratam o seu ensino como prioridade, pois, sabe-se que o melhor resultado pode ser obtido pela escola. Neste mesmo sentido a escola pode contribuir para criar uma relação de interconexão com a comunidade e construir uma agenda comum de projetos e planos de EA. O ecomunitarismo seria uma das alternativas à construção desta relação. Este trabalho foi desenvolvido na Escola Estadual Professora Maria Hermínia Caldas, escola da rede pública de ensino e localizada no município de Nossa Senhora do Socorro. Para alcançar nossos objetivos fizemos levantamentos bibliográficos sobre a temática e uma acurada observação, procurando o máximo de envolvimento com o nosso objeto, claro que, tomando cuidado para que os dados não fossem tomados como realidade objetiva, mas, sempre os confrontando ou testando-os. Nossos objetivos principais foram identificar o debate sobre EA no seio da escola e definir o papel da escola como agente construtor de uma consciência ambiental. A urgência do tema é a maior justificativa para o desenvolvimento deste trabalho. Percebemos nas camadas mais pobres da sociedade que este tema vive relegado a obscuridade, como é o caso da nossa escola. Esta observação acurada fez com que percebêssemos o problema e nos fizessem refletir sobre o que nossa escola poderia fazer para que esta situação fosse minimizada ou mesmo revertida. Esta é uma questão que pode ser utópica, contudo, como já nos dizia Rosa Luxemburgo “Quem não se movimenta não sente as correntes que o prendem”, assim, é preciso se movimentar, acordar para percebermos o quanto tudo isso é importante para o bem-estar da humanidade. **EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CONSTRUINDO UM DEBATE** Segundo Dias (2004) o ser humano sempre se preocupou com as questões ligadas ao meio ambiente e a natureza, dos filósofos e cientistas europeus até as culturas indianas e chinesas “expressavam sua admiração pela natureza e sua preocupação em protegê-la”. Para nos ajustar ao debate sobre EA faz-se necessário deixar claro que a medida que o tempo passa o homem altera a natureza, domina-a e dá origem a importante

avanços tecnológicos que refletem no modo como vivem e como se relacionam com o meio ambiente. É certo que o período pós Segunda Guerra Mundial, tempo histórico muito conturbado, dá origem a inúmeras alterações tanto na constituição das sociedades, como nas relações entre elas e a natureza. Neste momento, a jornalista Rachel Carson lança um livro chamado *Primavera Silenciosa* que traz uma discussão sobre a diminuição da qualidade de vida mundial por causa da má utilização dos recursos ambientais. A abordagem da jornalista traz uma repercussão tão grande que em 1972 algumas dezenas de países se reúnem em Estocolmo, capital da Suécia, para construir uma agenda comum e estabelecer um plano conhecido como Plano de Ação Mundial “com o objetivo de inspirar e orientar a humanidade para preservação e melhoria do ambiente humano” (DIAS, 2004, p. 39). Após a Conferência de Estocolmo foi realizado o Encontro de Belgrado que traçou as diretrizes de EA além de uma grande agenda para o tema, este encontro deu origem a Conferência de Tbilisi em 1977 e um grande plano para a EA mundial. O seu documento técnico

Apresentava as finalidades, objetivos, princípios orientadores, e estratégias para o desenvolvimento da EA e elegia o treinamento de pessoal, o desenvolvimento de materiais educativos, a pesquisa de novos métodos, o processamento de dados e a disseminação de informações como o mais urgente dentro das estratégias de desenvolvimento. (DIAS, 2004, p. 61).

A Conferência de Tbilisi foi tão importante para a discussão dos temas de EA que até hoje ela influencia várias outras discussões, pois, percebemos que todas elas tomam por base o seu documento técnico, ou seja, esta conferência tornou-se um marco na história da EA. No ano de 1992 realizou-se mais uma grande conferência com o tema do meio ambiente, desta vez na cidade do Rio de Janeiro e ficou conhecida como Eco-92. Os críticos dizem que o grande espaço de tempo entre a conferência de Estocolmo e a Eco-92 ajudaram a intensificar os problemas ambientais quando estes deveriam ser discutidos com mais periodicidade. O que nos chama atenção é que no documento final conhecido como Agenda 21 a EA está presente em quase todos os pontos ainda que implicitamente, isto prova como o tema é tratado com importância e seriedade. O Capítulo 36 traz os objetivos do ensino e da promoção do manejo sustentável do meio ambiente; nos chama atenção às letras b, c e d que dizem:

(b) Desenvolver consciência do meio ambiente e desenvolvimento em todos os setores da sociedade em escala mundial e com a maior brevidade possível; c) Lutar para facilitar o acesso à educação sobre meio ambiente e

desenvolvimento, vinculada à educação social, desde a idade escolar primária até a idade adulta em todos os grupos da população; (d) Promover a integração de conceitos de ambiente e desenvolvimento, inclusive demografia, em todos os programas de ensino, em particular a análise das causas dos principais problemas ambientais e de desenvolvimento em um contexto local, recorrendo para isso às melhores provas científicas disponíveis e a outras fontes apropriadas de conhecimentos, e dando especial atenção ao aperfeiçoamento do treinamento dos responsáveis por decisões em todos os níveis. (Ministério do Meio Ambiente – Agenda 21/Eco-92, s/p). Está clara a preocupação dos elaboradores do documento com a mundialização da EA, ou seja, com a propagação do ensino de EA e, desta forma conseguir atingir cada vez mais pessoas a fim de formar uma consciência crítica com relação a utilização racional dos recursos ambientais. Dez anos mais tarde é concebida em Johannesburgo a Rio+10, encontro que fazia referência a passagem dos dez anos da Eco-92 e que tentou medir os efeitos da Agenda 21. Sabe-se que a conferência não atendeu as expectativas dos ambientalistas e das organizações envolvidas com o meio ambiente, ao contrário, tentou-se a todo custo desviar o debate para outras questões, o que tornou-a conhecida como uma das piores conferências já realizadas. Dentro de cada encontro, reunião ou conferência a EA estava presente e, de uma forma ou de outra era embutida a necessidade de se criar métodos de sensibilização da população para as urgentes questões do meio ambiente, sejam elas energéticas, climáticas, florestais, etc. Concordamos com Dias (2004) que a EA carrega consigo diversos aspectos que transcendem a simples ecologia, todos estes aspectos estão inter-relacionados para formar uma ampla consciência ambiental. Este mesmo autor apresenta em sua obra *Educação Ambiental – Princípios e Práticas*, em forma de diagrama os seguintes aspectos: Éticos, Políticos, Tecnológicos, Científicos, Culturais, Sociais e Econômicos. Cabe-nos, por fim, afirmar que há diversos conceitos de EA, tanto a Organização das Nações Unidas – ONU, como as Organizações Não-Governamentais - ONG'S e o Estado Brasileiro através do Conselho Nacional de Meio Ambiente – CONAMA tem seus conceitos formulados. Por acreditar que a definição do CONAMA se aproxima do nosso objetivo, decidimos por adotá-la. Segundo o Conselho, EA é:

Um processo de formação e informação, orientado para o desenvolvimento

da consciência crítica sobre as questões ambientais, e de atividades que levem à participação das comunidades da preservação do equilíbrio ambiental. (CONAMA, 1990, p. 61).

Chegamos do ponto chave do nosso trabalho, onde, a formação e a informação são preferencialmente responsabilidade da escola. A escola consegue agregar vários atributos que a identifiquem como formadora dessa consciência ambiental a fim de envolver a comunidade em seu entorno na concepção de um modelo equilibrado de sustentabilidade. Vejamos como isto pode ocorrer em nosso próximo ponto. **O PAPEL DA ESCOLA NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL** É inegável a função da escola como promotora da EA, não como uma disciplina contida no currículo escolar, pois, seria fadá-la a repetição, mas, como um conteúdo interdisciplinar, ou seja, presente na geografia e na biologia até na redação e na educação artística. Ao fazermos um resgate do conceito de escola encontramos que ela é de fato responsável por uma educação formal e de conhecimentos técnicos e científicos que não são de competência da família; a escola passa a agregar a função de provedora de uma educação voltada para os saberes consistentes e passíveis de testes, o que não acontece com a educação oferecida pela família e os seus saberes populares. De acordo com Ruscheinsky e Lobo (2002), é certo que uma educação problematizadora oferece a maior possibilidade de que o processo de construção dos saberes – isto inclui a construção de uma consciência ambiental crítica – se efetive de maneira concreta, assim, ela se torna a “candidata” mais indicada para ser utilizada pela escola. Ainda segundo esses autores, a educação problematizadora reside na prática onde o educador é também educando e o educando também é educador e, juntos, auxiliados por suas experiências ou conhecimentos prévios conseguem apontar para a máxima da construção do saber: a participação efetiva de todos os agentes. É desta forma que a escola como uma importante instituição social deve inserir o conteúdo de EA em seu currículo; ela deve partir do pressuposto que alunos e professores têm conhecimentos prévios e que todos estes devem ser atores da elaboração de seus programas, planos e atividades. A Lei 9.795/1999 que cria o Plano Nacional de Educação Ambiental estabelece que a EA deva ser incluída nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s) como tema transversal. Vejamos o que nos diz o Artigo 5º da referida lei:

Art. 5º Na inclusão da Educação Ambiental em todos os níveis e modalidades de ensino, recomenda-se como referência os Parâmetros e as Diretrizes Curriculares Nacionais, observando-se: I - a integração da educação ambiental às disciplinas de modo transversal, contínuo e permanente; e II - a adequação dos programas já vigentes de formação continuada de educadores. (BRAZIL, Lei 9795/1999, s/p).

Utilizando-se dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's, professores e equipe pedagógica devem traçar seus planos a fim de oferecer a discussão da EA em todos os níveis de ensino de modo que ela esteja presente no máximo de disciplinas possíveis e seja uma discussão transversal, contínua e permanente. Acreditamos que a Lei é bem clara quanto a importância da EA e segue a direção da Conferência de Tbilisi quanto trata o tema com firmeza e formula políticas que comportem a EA em toda sua dimensão. Desta maneira, sabemos que a escola tem competência para alcançar não só alunos, pais e professores, como também toda a comunidade no seu entorno. A Escola em que tomamos como objeto, Escola Estadual Professora Maria Hermínia Caldas, está localizada no município de Nossa Senhora do Socorro - Grande Aracaju - e é cercada por três conjuntos habitacionais, Marcos Freire I, II, III, Albano Franco e um loteamento denominado Novo Horizonte. Este loteamento era inicialmente uma área invadida, contudo, hoje já possui uma infraestrutura mínima à sobrevivência. No geral, os alunos desta escola residem nos limites destas quatro localidades, contudo, encontramos alguns estudantes que residem em bairros mais distantes. Se traçarmos um perfil socioeconômico perceberemos que uma grande parcela das famílias tem renda de até um salário mínimo e dependem de programas de distribuição de renda e assistência como o Bolsa Família e o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil - PETI. A situação socioeconômica reflete na maneira como a relação EA versus escola é construída, assim, é preciso que a escola dê mais atenção aos temas de EA em escolas como a que estudamos. Trataremos deste ponto mais à frente. **AÇÕES QUE PROMOVEM O TEMA NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA MARIA HERMÍNIA CALDAS** A Escola Estadual Professora Maria Hermínia Caldas através da Equipe Diretiva, professores e alunos desenvolvem algumas atividades e projetos que cumprem o que diz legislação e os PCN's. Primeiramente construiremos uma apresentação destes projetos e atividades e em seguida faremos alguns apontamentos para tentar acender

um importante debate que deve ser travado diariamente. O debate de que nos fala Velasco (2002): "Que devo fazer?"

" Dentro desta pergunta residem três normas que apoiam o chamado ecomunitarismo apresentado por ele, sendo

1) que devemos zelar pela nossa liberdade individual de decisão, 2) que devemos viver consensualmente essa liberdade e 3) que devemos zelar pela preservação-regeneração da natureza. A primeira norma obriga-nos a lutar contra toda instância de repressão e /ou auto-repressão alienada em nossas vidas. A segunda obriga-nos a lutar contra qualquer relação de dominação nos relacionamentos intersubjetivos. A terceira, por fim, obriga-nos a lutar contra qualquer devastação e poluição irreversível da natureza, opondo-lhes uma permanente ação de preservação e /ou conservação-recuperação da natureza (tanto humana quanto não-humana) para que os equilíbrios sistêmicos que fazem possível a vida no planeta (e onde alcançar os braços dos humanos) mantenham-se. (VELASCO, 2002, p. 31).

É na terceira norma que reside às ações de EA em que a escola deve se concentrar. A primeira delas é uma apresentação teatral chamada "Herdeiras da Natureza", esta peça conta a história de uma bruxa boa que queria preservar a natureza porque a admirava de uma forma boa e espontânea, contudo, haviam bruxas más que queriam o contrário, a destruição das árvores, rios, etc. O seu fim dar-se com a vitória da bruxa boa ajudada pela fada e seus companheiros e a preservação do meio ambiente. Esta ação concentra um enorme valor aos temas de EA, uma vez que os tratam de forma lúdica e de fácil entendimento, ou seja, qualquer telespectador conseguirá entender o objetivo da mensagem e automaticamente despertará em si um espírito reflexivo, ainda que não externalize de imediato a chamada consciência ambiental. Outra atividade desenvolvida é a "Recicloteca", oficina de reciclagem desenvolvida especialmente com alunos voluntários, estes reúnem materiais propícios à reciclagem e confeccionam diversos objetos de várias utilidades. Frisamos que a ação é de extrema importância quando desperta nos alunos e demais envolvidos a sensibilidade para reutilizar materiais que podem ser aproveitados, além de deixar claro que a grande quantidade de lixo que produzimos é provocada pela concepção de um modelo econômico pautado na "sociedade do descartável". Este sistema produz bens de consumo que

têm um curto período de duração forçando os consumidores a comprarem novas mercadorias, num também curto espaço de tempo o que acarreta a produção intensa de lixo. Por fim, sabemos que os professores em sua maioria trabalham com a EA nas mais variadas disciplinas, mas, é preciso fazer um estudo mais intenso a fim de identificar de que forma são tratados os temas de EA e qual o nível de preparação dos professores e equipe diretiva, principalmente coordenadores pedagógicos e pedagogos. Cabe-nos ressaltar que a EA não deve partir do princípio do preservacionismo e a escola erra quando concebe projetos com esta abordagem. Uma verdadeira EA parte do pressuposto que o homem deve sim utilizar os recursos naturais, contudo, de forma racional. Esta mesma EA tem que deixar claro que o homem é parte integrante da natureza e que ela não deve ser dominada e sim compreendida. Se resgatarmos estudos sobre a composição química do ser humano – o que não é nosso objetivo – observaremos que vários elementos químicos presente na natureza também estão presente em nosso corpo. O capitalismo força esse antagonismo, homem versus natureza, a fim de transformar tudo em mercadoria e extrair o máximo de lucro possível. O anulamento da relação de dominação do homem para com a natureza é o princípio para a construção de um harmonioso relacionamento entre homem e meio ambiente. **COMUNIDADE E ESCOLA UNINDO-SE NA CONSTRUÇÃO DE UMA AGENDA COMUM** Para discorrermos sobre esse ponto faz-se necessário voltarmos ao ecomunitarismo apresentado por nós no ponto anterior. Concordamos com toda a discussão que Velasco (2002) promove e acreditamos que ele foi feliz em traçar uma alternativa para crise ambiental global, onde, será preciso romper com a barreira da dominação, da subjugação e por fim da dicotomia. É preciso construir uma alternativa onde o mundo se transforme numa grande comunidade que é parte integrante e indissociável do meio ambiente, ou seja, está comunidade deve construir uma consciência global não somente de preservação, mas de racionalização do meio ambiente. Utilizaremos o conceito de ecomunitarismo para definir a relação que a escola e a comunidade devem construir a fim de implementarem os grandes temas de EA. O ecomunitarismo seria construído através da profunda integração entre escola e comunidade que originaria uma agenda ambiental comum. Há inúmeras formas de se construir esta integração, poderíamos citar inúmeras, todavia, o espaço não nos permite. Frisaremos algumas

delas. A primeira se daria por meio das Associações de Bairro sendo agentes ativos das diversas atividades de EA que a escola desenvolve ou poderia desenvolver. Raramente vemos em nossas comunidades as diversas associações adentrando à escola de forma efetiva e/ou representativa; uma solução seria a ativação ou recriação dos Conselhos Escolares que comportam vários representantes, inclusive as Associações de Bairros, desta forma, os moradores e a própria família poderia participar de maneira concreta. As Gincanas Ambientais, segundo Cavedon et al. (2004), também são maneiras de estimular a interação escola-comunidade, uma vez que, diversas tarefas podem contar com a participação da comunidade e assim mobilizá-la na construção da consciência ambiental, ponto sobre o qual já discorreremos. Estes autores apresentam um modelo de gincana ambiental dividida em blocos, um modelo interessante que pode ser adaptado à realidade da Escola Professora Maria Hermínia Caldas. Por fim, há ainda as Campanhas Ambientais que podem ser desenvolvidas conjuntamente. Bem, o problema não reside na concepção delas, mas na perduração. Há uma enorme dificuldade por parte de qualquer instituição de tornar uma campanha permanente, ou seja, fazer com que elas não sejam abandonadas ou esquecidas pelas pessoas. Cabe a escola, como detentora do saber técnico e científico, criar alternativas para que cada campanha de EA dirigida à própria escola e a comunidade seja intensa e contínua, desta maneira, acreditaremos que elas surtirão o efeito esperado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS As conferências de Estocolmo e de Tbilisi serviram com toda certeza para alavancar o debate sobre a criação de uma nova consciência ambiental global; uma consciência de que o homem não deve ser dominador da natureza e sim parte dela, que deve não somente preservar, mas, também racionar, além de criar sistemas alternativos de vida num mundo cada vez mais mundializado e não globalizado. Para nós, o homem está mundializando a pobreza e a devastação ambiental e se aproximando do caos. A escola tem um papel importante na construção de uma educação problematizadora e que sempre nos faça perguntar "Que devo fazer?", esta deve ser a pergunta de cada dia quando se trata do cuidado que devemos ter com o meio ambiente. Existem inúmeros projetos que podem contribuir para a integração escola-comunidade e, juntas construindo um ecomunitarismo baseado no respeito, na harmonia e na solidariedade entre os indivíduos. Devemos dizer não a dominação, a subjugação e a qualquer

tipo de devastação ambiental.

REFERÊNCIAS ANJOS, M. B. **Educação Ambiental na abordagem interdisciplinar:** experiência do Colégio Cenecista Capitão Lemos Cunha. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. **Política Nacional de Educação Ambiental.**

Disponível em:

<www.

planalto.gov.br

/legislacao>.

Acesso em: 15 de mar de 2016. BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. **Conselho Nacional do Meio Ambiente.** Brasília: SEMA/DCONAMA/MMA, 2015.

Disponível em:

http://

www.

mma.gov.br

/port/conama/. Acesso em 15 de mar de 2016. CALDERONI, S. **Os bilhões perdidos no lixo.** São Paulo: Humanistas, 1997. CARVALHO, I. C. M. **Educação Ambiental:** Formação do Sujeito Ecológico. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2006. CAVALCANTI, C. **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas.** São Paulo: Cortez/Fundação Joaquim Nabuco, 1999. CAVEDON, C. C.; Et. al. **Gincana Ambiental: o despertar da consciência ecológica.** In: Educação Ambiental: Vários olhares e várias Práticas. Porto Alegre: Meditação, 2004. COIMBRA, J. A. A. **O outro lado do meio ambiente.** São Paulo: Millennium, 2002. DIAS, G. F. **Educação Ambiental:** Princípios e Práticas. São Paulo: Gaia, 2004. JUNIOR, A P.; PELICIONI, M. **Educação Ambiental Sustentabilidade.** 1 ed. Barueri: Manolie, 2005. LEGAN, L. **A escola sustentável:** Eco-alfabetização pelo ambiente. São Paulo: Imprensa Oficial & Pirenópolis, 2007. OLIVEIRA, E. M. **Educação Ambiental:** uma possível abordagem. 2 ed. Brasília: IBAMA, 2000. PEDRINI, A. G. **Educação Ambiental:** reflexões e práticas contemporâneas. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1997. RUSCHEINSKY, A. C.; LOBO, A. **A educação ambiental a partir de Paulo Freire.** In: Educação Ambiental: Abordagens Múltiplas. Porto Alegre: Artmed, 2002. TRIGUEIRO, A. **Meio ambiente no século 21.** Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

VELASCO, S. L. **Querer-Poder e os desafios socioambientais do século XXI**. In: Educação Ambiental: Abordagens Múltiplas. Porto Alegre: Artmed, 2002. ZEPONE, R. **Educação Ambiental: Teorias e Práticas Escolares**. 1 ed. São Paulo: JM, 1999.

*Formação em Educação Física (Unit), Pós Graduado em Educação Inclusiva e Libras (Fama), Mestrando em Educação (Unit), Participante do Núcleo de pesquisa em Inclusão Escolar da Pessoa com Deficiência - Nupieped (UFS). Email: antenoneto@hotmail.com

**Historiador. Doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Tiradentes. Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Educação, Tecnologias da Informação (GETIC – UNIT). Email: everton.vila12@gmail.com

***Licenciado em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis. Professor de Filosofia do Ensino Médio, no Colégio São Salvador, de Umbaúba – SE. Membro da Academia Tobiense de Letras e Artes, de Tobias Barreto/SE. Mestrando em educação (PPED – UNIT), bolsista Prosup/Capes e membro do GETIC – Grupo de Pesquisa em Educação, Tecnologias da Informação e Ciberultura. Email: adeiltonthoy@gmail.com

Recebido em: 05/07/2016

Aprovado em: 05/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: